

AGORA SOU EU QUE FALO, GABRIELA

Introdução das entrevistadoras

Alice: Oi, gente. Meu nome é Alice, eu sou integrante do PET Letras. Sou uma mulher negra de cabelos raspados, estou usando óculos preto e uma máscara branca.

Amanda: Olá, gente. Meu nome é Amanda, também sou integrante do PET Letras, sou uma mulher negra de cabelo curto e cacheado com uma mecha, estou usando óculos e uma camisa preta. Antes de iniciarmos, gostaria de fazer uma breve introdução, falar um pouco do currículo da professora Maria Gabriela, que possui bacharelado em filosofia românica pela Universidade de Luanda, mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Ela é professora aposentada da Universidade Federal de Alagoas, onde atuou desde 1979. Tem experiência na área de Letras atuando, principalmente, nos temas de negritude, memória, identidade, estudos culturais e utopia.

Entrevistadoras: gostaríamos de agradecer a sua presença, professora, é um grande prazer pra a gente você ter aceitado esse convite e, antes de darmos continuidade, você gostaria de nos agradecer com suas palavras?

Profa. Gabriela: Gente, bom dia. Se há alguém que tem que agradecer, sou eu, porque depois de trinta e poucos anos de universidade, uma carreira que começou em Angola, ou seja, se fizermos as contas, eu tenho mais de cinquenta anos de ensino. Eu lidei com muita gente, como eu disse e sempre digo, é um aprendizado e eu continuo aprendendo. É mais um aprendizado vocês estarem aqui comigo, porque eu sinto-me realmente homenageada num momento em que saio da universidade, em que eu “deixo”, digo sempre entre aspas, a minha vida acadêmica, porque a vida acadêmica ela nunca termina, não é? Porque vem uma pesquisa, vem um capítulo de um livro, vem alguma coisa que a gente tem que fazer. Só deixei a sala de aula, mas estou muito feliz, muito, muito, muito por vocês estarem aqui. Eu sou Gabriela, tenho um título que é o último título, sou doutora. Mas, para mim, esse título academicamente tem uma representação que foi extremamente importante, porque nós crescemos eventualmente com a pesquisa, mas ele para mim pouco significa. Como eu disse

no meu livro, eu sou Gabriela. Sou eu que falo, quem está a falar agora com vocês não é a doutora Gabriela, mas é a Gabriela só. Aquela Gabriela que nasceu em Portugal, filha de um pai português beiral, duma mãe que nasceu em Angola, com traços já de gente de África e de Portugal, portanto já é uma mistura que vem de longe. Eu nasci em Portugal, passei muito tempo da minha vida, a maior parte dela, em África com a cultura, lidando com a cultura europeia, com a cultura lusitana, porque àquela altura onde eu vivia, Angola, era Portugal ainda, era uma colônia portuguesa. Então todo o meu ensino, toda a minha cultura era voltada, digamos, oficialmente, para uma cultura eurocêntrica. E eu vivi nos dois mundos: África de um lado e Portugal de outro, até o dia em que eu tive de vir embora, o que ajudou muito na construção da minha identidade. Pronto, então sou eu, sou essa Gabriela que vos fala.

Amanda: - Que lindo, seja muito bem-vinda e gostaríamos de fazer a nossa primeira pergunta. A senhora já falou um pouquinho da sua trajetória, da sua família, de onde você vem e a sua vida é atravessada pelo desejo de recomeço, pelas lembranças e pelas mudanças que sempre te acompanharam. Em sua tese de doutorado, foram utilizados os conceitos de memória e identidade. Trabalhar com esses conceitos foi uma forma de trazer para o seu trabalho acadêmico, de alguma forma, a sua história de vida?

Profa. Gabriela: Sim, Amanda, de certa forma. Eu vou pedir que vocês me permitam ler duas frases, duas citações. Uma delas do Roger Bastide que está num livro, não lembro agora se é poesia afro-brasileira, mas é alguma coisa que tem a ver com a afro-brasilidade. Foi uma citação que eu descobri quando eu estava fazendo a minha dissertação de mestrado e que me tocou e que talvez responda, ou talvez seja o início desses estudos que eu desenvolvi mais tarde, que tem acompanhado essa minha inquietação acerca da memória e da identidade. Roger Bastide diz o seguinte: “escrever é trazer das profundezas do eu todos os segredos escondidos, todas as suas noturnas do subconsciente e é, também, conseqüentemente (e isso eu acho maravilhoso), acordar todos os demônios e os deuses ocultos. É libertar os antepassados.” Então, essa frase, digamos que me serviu de nota, foi uma força motriz e alguma coisa que me fez refletir sobre a questão da identidade. E há uma outra, do Jacques Le Goff, que está no livro *História e Memória*, que usei e indiquei na minha tese. Ele diz o seguinte: “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia”. Então, eu acho que foi isso realmente, o fato de eu

ter saído, de eu ter tido a necessidade de sair do meu lugar, de ficar um tempo perdida, sem chão (literalmente, sem chão) e isso faz com que naquela época, naquela altura, eu digo, sinceramente, que os questionamentos não chegavam porque a necessidade de plantar alguma coisa, de fincar os pés no chão, era tão forte e era tão indispensável que parece que eu fiquei planando o tempo sem saber exatamente para onde ir. É um pouco como o poeta José Régio que dizia “não sei para onde vou, não sei por onde vou”. e eu dizia “sei que não vou por aí”, mas eu não sabia por onde não queria ir. Eu queria ir para algum lugar. Então, digamos que nesse momento o questionamento não surgiu, ele foi chegando paulatinamente. Aquela necessidade de trabalhar, de chegar em um lugar e dizer assim “pronto, eu assentei agora, um nos meus pés, estou com o alicerce, como uma casa com alicerce.” Era tão preocupante a necessidade de trabalhar, de sobrevivência, era tão grande que o questionamento não veio imediatamente, pois veio paulatinamente através dos estudos, das pesquisas e de repente eu comecei a despertar para essa necessidade. E isso surgiu a partir dessa citação de Roger Bastide e que eu trago comigo, já usei em vários livros. Eu usei no “Gabriela”, eu usei a citação de Jaques Le Goff na minha tese de doutoramento, no estudo que fiz aqui sobre a poesia da poeta Conceição Lima, então são coisas da mente. Pronto, estão muito marcadas. E só para terminar a sua pergunta, aliás, quando eu estava na escrita da minha tese de doutoramento em que eu falo de duas obras de peso (uma da literatura brasileira e outra da literatura angolana) que tem como botar de início as duas mulheres, uma de cada lado, eu disse “mas agora eu não quero mais escrever a minha história, se elas têm uma história para contar, eu também tenho a minha”. E foi assim que surgiu o “Gabriela”. Então, assim, foi a partir daí esse questionamento.

Amanda : Eu me identifiquei com a primeira frase sobre literatura negra porque eu também escrevo. Escrever é realmente ver o quão difícil é encararmos nós mesmos, essa busca de autoconhecimento e de cura de mim mesma. Assim, eu também vejo a escrita como (...)

Profa. Gabriela : (...) Exatamente, é pôr o dedo na ferida. uma ferida que está lá, não é? que a gente não sabe exatamente.

Alice : Voltando para o livro, nessa obra a senhora conta que o poeta arvora sem arauto de um novo tempo, de um novo mundo, e sua mensagem vai deixando rastros por onde

passa enunciado um sonho de um mundo diferente, se o poeta arvora-se, onde a professora se enraíza no mundo?

Profa. Gabriela : Na realidade, eu baseei-me quando eu escrevi isso nos versos do poeta Antero de Quental, que é um poeta do realismo português, e eu escrevi três ou quatro versos últimos em que ele diz o seguinte: “Ergue-te, pois, soldado do Futuro, / E dos raios de luz do sonho puro, / Sonhador, faz a tua espada de combate. Então, repare, o poeta como sonhador e o poeta também como homem das utopias aquele que projeta lá mais adiante um futuro não se sabe onde, uma vontade de algo que seja diferente, uma vontade de... Eu não estou lembrada agora, misturando um pouquinho do Ernst Bloch, que é um filósofo das utopias, que escreveu vários livros, mas um deles foi, durante um tempo, meu livro de cabeceira, que é o *Princípio Esperança*. Todos nós temos o nosso sonho diurno, esse sonho diurno é o que alimenta a nossa utopia, essa vontade de fazer algo que vai, de certa, forma preencher uma determinada falta, nós temos essa necessidade de preencher uma falta, e nós somos alimentados pela esperança, a esperança como nutriente de algo que ainda não é, mas que um dia possa vir a ser. Desde muito nova, ainda que não tivesse esses questionamentos identitários, porque naquela altura não precisava, eu questionava sempre “por que eu posso fazer isso?” “por que eu não posso fazer?”. Fui educada num país de freiras e havia aquela noção de pecado e eu dizia “isso para mim não é pecado”, “o que é pecado afinal?” Então, eu sempre me voltei para uma coisa nova, para criar algo novo. E aí os versos de um poeta que me acompanharam durante muito tempo, e ainda hoje me acompanham, é de um professor português de química, que começou a escrever com um pseudônimo de António Gedeão. Ele tem um poema muito lindo chamado Pedra Filosofal, que diz o seguinte: “Eles não sabem/ nem sonham/ Que o sonho comanda a vida/ Que sempre que o homem sonha/ O mundo pula e avança/ Como bola colorida/ Entre as mãos de uma criança”. E é isso... eu sempre quis ver o mundo como uma bola colorida desde muito nova. Depois eu vi o mundo perdendo as cores paulatinamente, mas não perdi a esperança de recuperar essas cores.

Amanda: Muito obrigada, professora. As casas de cultura do espaço cultural são um projeto de extensão da Faculdade de Letras e tem grande tradição e uma longa história desde 1989, na difusão de idiomas e suas expressões culturais no estado de Alagoas. A senhora participou ativamente da Casa de Cultura Luso-Brasileira e da Casa de Cultura de expressão francesa, conte-nos sua trajetória, suas experiências e memórias nesse

importante projeto de extensão da FALE, quais são os desafios para manter esse projeto ativo e ampliar o seu alcance?

Profa. Gabriela: Digamos que as casas de culturas foram durante muito tempo, para não perder a expressão, meu xodó. Eu vivi muito nessas casas de cultura, passava muito tempo lá, chegava de manhã e deixava o espaço cultural à meia noite, quando tínhamos um evento para organizar. É interessante, é um registro que eu achei importante: a primeira casa de cultura surgiu antes de 89, é a casa de cultura britânica. Havia uma professora da Ufal que está aposentada, que é a professora de inglês Hilda Laffitte. Ela realmente foi uma grande sonhadora, em fazer uma casa de cultura britânica. Ainda a pró-reitoria não era ali, não lembro agora o nome da rua, peço desculpa, mas não me lembro, mas funcionava ali a casa de cultura britânica, ligada ao Conselho Britânico, que funciona em Recife, daí surgiu a primeira casa. Depois eu vou mostrando aos poucos que houve um evento, a primeira semana de cultura estrangeira. Eu acho que saiu da vontade da Casa de Cultura de Expressão Francesa. Nós fizemos, em 89, a primeira Semana de Cultura Estrangeira. E no papelzinho que eu vos mostrei, diz lá “Casas de Cultura Estrangeira”. Então, eu não me lembro, mas significa que as casas de cultura já estavam em vigor. E vocês tiraram uma foto? Vejam pela programação, há a contribuição de vários professores de literatura, que já estão aposentados, a professora Vera Romariz, e várias pessoas de fora. Inclusive, há uma peça de teatro, que foi escrita para esse evento por uma professora que se aposentou e já não está mais entre nós, a professora Heliônia Ceres, que era escritora e fez essa peça, de Versailles a Paris, para mostrar esse evento da Revolução Francesa. Teve até uma pessoa importante agora, que é o Laerte. Então, isso foi tudo ensinado na Reitoria, no auditório da Reitoria, que nessa época ainda era no espaço cultural. E aí, em 98, houve uma mudança de gestão na universidade. Havia antigamente dois departamentos, o LEM, que era o Letras Estrangeiras Modernas, e o NCV, como vocês sabem. Eu estava naquela altura como chefe do LEM. Então, eu fui juntando as duas coisas. E eu ensinava francês. Por isso, essa ideia de liberdade, igualdade, fraternidade naquele momento. Mas depois, em 98, com essa mudança de gestão, eu não estava mais na chefia do LEM. O pró-reitor da gestão que tinha sido eleita, o professor Salomão de Barros, era um grande visionário, um grande sonhador. Vamos conservar a palavra sonhador. Então, mas ele sempre via as utopias, mas com a possibilidade de uma utopia concreta. E ele encontrava nos corredores do CHL, naquela época, e dizia “Gabi, vamos fazer o Fórum das Nações?”, “vamos criar um Fórum das Nações?”. E ele foi ali me dando essa ideia, e o Fórum

das Nações foi criado. Com que objetivo? Tem até uma portaria, com que objetivo? Congregar as casas de cultura para uma maior divulgação da cultura entre os pares, entre nós que estamos na universidade, mas sobretudo chegar às pessoas que não estão diretamente ligadas à universidade, para que o conhecimento chegasse a elas. E o objetivo das casas de cultura era o ensino das línguas, vinculadas a cada uma das casas, mas com um veículo cultural. Então, nessa época, eu estava na Casa de Cultura de Expressão Francesa, acho que era professora Edilma, na Luso-brasileira, professora Márcia Rosetti, na britânica, profa. Irene, sempre na casa de cultura alemã, e era o professor Eduardo Magalhães, que está aposentado também, na casa de cultura latino-americana. E nós começamos a fazer eventos. Em vez de ser um evento de cada uma das casas, isoladamente, os eventos passaram a ser de todas as casas, e passaram a chamar-se Semanas de Cultura. Então, nós conseguimos fazer cinco Semanas de Cultura, uma por ano. Havia alguns eventos mais pontuais, como vos mostrei há pouco, no 10 de junho, que é o Dia de Camões, das comunidades portuguesas, o Dia de Portugal, que a Casa de Cultura Luso-Brasileira fazia um evento específico. Mas esses eventos eram palestras, mesas-redondas, música, nós tivemos vários concertos, fazendo pianistas de fora, palestrantes de fora, inclusive internacionais. Então, era uma coisa muito rica, e o nosso objetivo era sair da área de Letras. Então, dentro do material, vocês vão observar que há comunicações de estudantes de arquitetura, estudantes, professores de arquitetura, de história, de comunicação, das várias áreas. Acompanhe a Universidade. Então, o nosso objetivo era esse. Os cursos eram pagos, mas eles começaram com um pagamento irrisório, apenas para ajudar a manter as casas e os nossos eventos.

Amanda : Sim... Era realmente uma integração intercâmbio, né? entre culturas, entre cursos diferentes.

Profa Gabriela: Isso. O objetivo era esse. Por exemplo, na parte que concerne à casa de cultura alemã, especialmente, havia a parceria com o Instituto Goethe. Na casa de cultura de Expressão Francesa, com o consulado da França, na luso-brasileira, com o consulado de Portugal, na casa de cultura latino-americana, com o Instituto Cervantes. Nós tínhamos parcerias com a Aliança Francesa e com outras escolas. Em alguns eventos, os garotos do secundário faziam apresentações, era tudo muito interessante. Claro, estou falando isso não é como uma mágoa, é apenas uma história, que estou a contar. Os tempos mudam, há toda uma evolução natural, então tudo isso que eu contei, claro, foi um momento que as casas de cultura

tiveram realmente o seu ápice, mas tudo mudou. Então, é só tentar aproveitar aquilo que foi bom lá atrás, como disse Mário de Andrade: “o passado não pode ser repetido, mas podemos aproveitá-lo como uma lição para aproveitar aquilo que foi bom, para fazer coisas novas”.

[Amanda]: sem esquecer do passado.

[Profa Gabriela]: Isso. A gente não existe sem passado.

Amanda: Surgiu uma curiosidade após essa pergunta, a senhora estava nos mostrando, antes da entrevista, os registros dessas casas de cultura e o primeiro livreto da primeira casa, da primeira semana que foi feita, me chamou muita atenção a o desenho que foi feito, a ilustração, que são mãos, e eu gostaria de perguntar se essa ilustração tem influência com o tema que era igualdade, liberdade e fraternidade?

Profa Gabriela: Isso. Igualdade, liberdade e fraternidade. nós pegamos os ideais da revolução francesa, que até hoje estão na base da nossa vida, que todos nós queremos. Eu falo muito, quando eu faço meus trabalhos sobre literatura africana, sobretudo a literatura angolana, quando falo da guerra de Angola, muitos escritores falam disso, qual era o objetivo das guerras contra o colonialismo? Elas têm, na sua base, esses ideais da revolução francesa: liberdade, igualdade, fraternidade. Então essas mãos, vocês veem que é tudo feito de uma maneira muito simples, muito singela, mas simbólica, não é? Como nós não tínhamos recursos, onde nós vamos buscar? Pedimos a uma pessoa que trabalhava conosco, um decorador, uma pessoa extraordinária, “Gil, faz aí alguma coisa”, então Gil fez essas mãos que são as casas de cultura, são as diversas culturas todas juntas, clamando por liberdade, igualdade e fraternidade.

Alice: Essa conversa sobre sonho, porque, querendo ou não, casa de cultura é um sonho que se torna uma realidade, né? Um sonho muito bonito que se torna uma realidade muito bonita, e aí eu lembro muito de Mia Couto, porque em “Terra sonâmbula”, eu faço essa alusão sobre a importância de se manter esperto, mesmo dormindo. A importância de se manter sonhando, mesmo acordado, e aí...

Profa Gabriela: A terra é uma costureira de sonhos

Alice: É lindo, lindo demais. E aí, citando Mia Couto, os seus projetos de pesquisa giram em torno da literatura afro-brasileira lusitana. Hoje, nas salas de aula da Faculdade de Letras da Ufal, essa literatura é um tópico pouco, ou quase nada, discutido, e aí eu queria saber como preencher essa lacuna da literatura de língua portuguesa que negligencia a literatura afro-brasileira lusitana dentro do espaço universitário.

Profa. Gabriela: Eu sei, não existe mágoas, com uma certa tristeza, pelo fato de não ter conseguido (costuma-se dizer que uma andorinha só não faz verão) com que as literaturas africanas de língua portuguesa tivessem sido implementadas como obrigatórias na nossa universidade, contrariamente ao que acontece nas outras universidades. Diria que hoje nós podemos contar pelos dedos alguma universidade que ainda não tenha, estou falando das federais, que não tenha a literatura das línguas africanas, língua portuguesa, como obrigatórias, pelo menos a língua portuguesa que conhecem melhor, se bem que eu transito muito pela francesa no meio de várias escritas. Então realmente o que é que eu fiz, eu vi que a literatura africana de língua portuguesa, ela só poderia ser dada como eletiva, e se estabeleceu entre nós com a norma que ela só poderia ser ofertada semestre sim, semestre não. O que a meu ver já criava uma vacância. De que as coisas crescem quando há uma continuidade. Eu passei a introduzir textos das literaturas africanas na disciplina que eu lecionava, que era literatura portuguesa, literatura de língua portuguesa, eu ensinei a 1, a 2, a 3 e 4. Então na 2 e na 4, que foram as últimas que eu ensinei, eu introduzi sempre testes da literatura africana. Por exemplo, um dos meus últimos semestres da 4, eu só trabalhei contos. Já estávamos online e eu trabalhei muitos contos, Mia Couto, e trazia escritas novas. E isso foi muito bom porque trazia receptividade da parte dos estudantes, o que é que poderá ser feito? Existe no Brasil, como disse a pouco, exceto em todas as universidades, os estudos das literaturas africanas estão cada vez mais fortes. Existe uma associação de professores chamada AFRO WEEK, de professores de literaturas africanas que têm feito vários congressos, eu estava na formação, no Rio de Janeiro, que há muitos anos. A ABRAPLIP, que é uma associação brasileira de literatura portuguesa. Ela começou assim: literatura portuguesa, literatura brasileira. Hoje ela congrega também palestrantes, comunicações de literaturas africanas de língua portuguesa, agora em Março, o AFRO WEEK tem feito vários congressos, a ABRAPLIP fez um agora recentemente, e vem a vir agora um congresso em março, que é o primeiro congresso, acho que é isso, ou simpósio internacional, não lembro bem do nome que

vai ser descrito, das literaturas africanas de língua portuguesa. Então esse evento começou, esse dilema vamos fazer depois do dia vinte que estou com um trabalho em mãos, começou com uma proposta de professores de fora daqui de Maceió, de se fazer um livro sobre uma escritora são-tomense chamada Olinda Beja. Ela é poetisa, ficcionista, então faz 30 anos de escrita. E a proposta foi essa, mas estamos com tanta coisa que vai fazer que todos nós nos atrasarmos com os capítulos do livro. E até foi bom! O que é que aconteceu? Foi tudo, no lugar vai ser feito um evento em março, não vai ser só um livro, mas vai ser feito um evento internacional que vai congrega as demais pessoas, além daquelas que não tenham sido convidadas. Então veja, cada vez mais está a crescer. Se vocês observarem, vão ver que não são os melhores TCCs, todo TCC tem as suas falhas, evidentemente, o que importa é que a gente inicie a pesquisa. O TCC é iniciar a pesquisa. Mas as maiores partes dos TCCs que orientei são voltados para as literaturas africanas, tem um trabalho interessantíssimo de um aluno que escreveu sobre um livro, de edição, sobre "A Última Tragédia" de Abdulai Sila, muito interessante, eu convidei um professor de fora para julgar o trabalho, e eu dei os parabéns ao meu aluno, quero que mais... o aluno... que é o aluno que escreve, e deu nota 10, ele disse "que bom" que vocês estão fazendo... não é fácil, ele trabalhou a questão da identidade, muito interessante.

Alice : (...) A gente vai galgando aos poucos né, esse caminho, mas é uma pena realmente que na UFAL, esse caminho ainda seja tão pequenininho...

Profa Gabriela: Espero que agora vai vir uma nova contratação, e que uma das exigências da pessoa que será contratada seja um conhecimento das culturas. Que também ninguém nasce sabendo tudo, num é? vejam que durante muito anos eu fiquei voltada para literatura portuguesa, literatura francesa. Eu fiz concurso para professora de francês. mas sempre me interessei e depois comecei a pensar em outras possibilidades, comecei no trabalho com todas as literaturas.

Amanda: Com certeza é um tema muito importante e eu tenho certeza que a senhora conseguiu abrir esses caminhos, abrir essas portas esse espaço para que esse movimento continuasse que é tão importante dentro da nossa universidade. Assim, também, como infelizmente, né, há apagamento de escritoras brasileiras, inclusive negras, né, temos a Conceição Evaristo, Carolina que foi esquecida, ainda é esquecida, e teve tantas

tradições por aí a fora, Cidinha, enfim, tantas outras escritoras que é importante a gente também trazer essa literatura negra brasileira também (dentro da universidade?)

Profa Gabriela: Amanda, pegando o teu gancho, eu trabalhei muito a Conceição Evaristo em sala de aula. E eu fui convidada para escrever um capítulo de um livro, de professores de Minas Gerais, e o que eu escrevi exatamente foi sobre Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, ele ainda não foi publicado, uma questão de verba, sabe? mas eu escrevi, gosto muito dela, gosto de *Ponciá Vicêncio* e eu trabalhei a questão das reverberações utópicas, também memória e identidade e reverberações utópicas em *Ponciá Vicêncio*, da Conceição. E outro livro que gosto, estou a tentar lembrar agora do nome da autora, e este livro e chama-se *Cartas A Uma Negra*, é muito interessante que na realidade ela está na França, e ela imigrou para tentar uma melhoria de vida e ela é faxineira, ela vai para uma casa e vai para outra e tal, tal, tal e quando ela vai para o ônibus, ela vê uma revista francesa a falar do livro *Quarto de Despejo* da Carolina. Ela não sabe português, ela leu a notícia. Toda a gente dizia a “menina que escrevia” e toda a gente se ria dela, “como é que vai escrever?”, ela chegava em casa cansada e não escrevia alguma coisa. Então ela começa nesse livro a interagir com a Carolina, que ela não conhece, esse livro se chama *Cartas A Uma Negra*, muito interessante.

Amanda: É como se fosse uma identificação da Carolina?

Profa Gabriela: Exatamente, é um diálogo porque é uma identificação. Da questão da raça, né? o fato de ser mulher, e terem um mesmo tipo de vida, né? Embora houvesse e tivesse uma condição de vida melhor, do que aquela que a Carolina tinha naquele momento.

Alice: e esse poder da arte, da identificação é tão importante, né?

Profa Gabriela: Françoise Ega, a autora, Françoise Ega, *Cartas a Uma Negra*. Está traduzido em português.

Amanda: a sua trajetória transpassa as margens do Oceano Atlântico, que conectam Portugal, Angola e Brasil. A senhora atravessou o mar para chegar até aqui, mas gostaríamos de inverter a experiência. Nessa perspectiva, conte-nos como o mar te atravessa.

Profa. Gabriela: O mar... a Gabriela que veio... eu cheguei aqui exatamente no dia 22 de dezembro de 1975, ela não é a mesma, digamos que, inclusive, a minha maneira de falar já não é a mesma, né?. Aqui dizem “ah, de onde és, não é daqui, não é?” Não, não sou! Quando chego a Portugal “Ah, estás brasileira toda”. Eu vou fazer uma citação do meu livro, sem querer ser muito longa, mas tem a ver um pouco com o que é essa mudança, o porquê que houve essa mudança. Neste livro *Gabriela*, eu digo em um determinado momento “eu precisei de me sentir sem pátria e sem mátria para ir em busca dos meus pedaços geograficamente espalhados para começar a montar o *puzzle* da minha identidade no meu chão de abrigo.” Ou seja, a Gabriela que está aqui hoje, que começou a ser construída ao longo desses anos todos, foi uma Gabriela que se deu conta de que na realidade ela é/eu sou um sujeito cultural híbrido, eu dei-me conta de que eu tenho essa ideia de ser três em um, porque eu tenho meu chão onde eu nasci, né? com essa cultura que veio dos meus pais, da família, e ao mesmo tempo aquela cultura africana, os dois mundos, porque eu tinha o mundo do branco europeu e do negro africano. Se de um lado eu tinha o acordeom do meu pai, o meu piano que eu tocava, do outro lado eu tinha os batuques que eu ouvia, tudo isso, então, faz com que minha cultura mestiça fosse uma cultura realmente feita de piano, acordeom e do tambor, do Xingu e de todos esses instrumentos. Mas eu precisei realmente, como eu disse, que no momento em que eu saí, em que eu estava num vazio, em que eu fiquei sem pátria, porque quando eu saí de África para Portugal, a única coisa que eu levava comigo como pátria era a língua portuguesa, não tinha mais nada, porque Portugal eu já tinha deixado há muitos anos, não tinha mais nada a não ser a cultura.

Em Angola, eu perdi meu chão, perdi a casa, perdi toda a minha profissão e tudo que eu tinha... profissão, não, porque como eu era funcionária do governo português, quer dizer... perdi aquilo que eu tinha ali, e aí quando eu cheguei aqui eu fiz essa Gabriela, que é uma Gabriela culturalmente mestiça, usando a palavra do Serge Gruziski e pronto! Às vezes as pessoas perguntam: “já voltou a Angola? Quer voltar para lá?” Não! Para mim, hoje Angola, do que eu tenho, tenho uma saudade boa de lá. Quero pensar só nas coisas boas de lá, consegui rever amigos quando fiz o lançamento do livro que eu não via há mais de quarenta anos e isso foi muito interessante. o *Facebook* tem me ajudado a encontrar, mas voltar lá, não quero, porque eu não quero reviver um passado e choramingar, não quero, não quero! A vida é para frente! Portugal para mim hoje é para eu passear para passar férias para ver os amigos.

Então, eu digo que o Brasil hoje, Maceió, eu tenho uma expressão é a horta do rizoma do que eu sou, quando eu falo do rizoma, eu falo de Deleuze e Guattari.

Entrevistadoras: muito obrigada.

Profa. Gabriela: Eu que agradeço. Eu espero ter atendido as vossas perspectivas.

Alice: a gente sai daqui afetada de afeto, com a cabeça para frente e voltada para o sonho. Muito obrigada, professora.

Amanda: sem esquecer das nossas raízes. inclusive isso me fez lembrar de um Adinkra africano que se chama Sankofa, que é um pássaro voltado para trás, que fala da importância de se olhar para trás. Muito obrigado, professora.

ENTREVISTADORAS:

Alice Rodrigues Guedes e Amanda da Conceição Duarte Cavalcante

TRANSCRIÇÃO:

Clara Ferreira Pereira Freire, Ingrid Soares de Melo Moura dos Santos, Jaqueline Vitória da Silva, Lavínia Olga Dorta Galindo Pedrosa Ferreira, Mirele Souza Urtiga e Wanneska Thaymmá Vieira Silva de Andrade

RETEXTUALIZAÇÃO:

Kall Lyws Barroso Sales

SUPORTE TÉCNICO:

Cristiana da Silva Oliveira e Kim Patrice Santiago Sarmento